

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 17

INIBIÇÃO, SINTOMA
E ANGÚSTIA,
O FUTURO DE UMA ILUSÃO
E OUTROS TEXTOS

(1926-1929)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2014 by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes XIII, XIV e XVII (Londres: Imago, 1940, 1948 e 1941). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe* (Frankfurt: Fischer, 2000).

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4, obras da coleção pessoal de Freud:
Cabeça de mulher, Grécia, período Clássico,
séc. IV a.C., mármore, 12 cm
Parte de urna funerária, Egito, período Ptolomaico,
332-30 a.C., 38 × 24 cm
Freud Museum, Londres.

Preparação
Célia Euvaldo

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939.

Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia,
O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) / Sigmund Freud;
tradução Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia
das Letras, 2014.

Título original: *Gesammelte Werke*.
ISBN 978-85-359-2420-6

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia
4. Psicoterapia I. Título.

14-02276

CDD-150.1954

Índice para catálogo sistemático:

1. Sigmund Freud: Obras completas: Psicologia analítica 150.1954

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA (1926) 13

A QUESTÃO DA ANÁLISE LEIGA:

DIÁLOGO COM UM INTERLOCUTOR IMPARCIAL (1926) 124

PÓS-ESCRITO (1927) 218

APÊNDICE: CARTA SOBRE THEODOR REIK E O CHARLATANISMO 229

O FUTURO DE UMA ILUSÃO (1927) 231

O FETICHISMO (1927) 302

PSICANÁLISE (1926) 311

O HUMOR (1927) 322

UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA (1928) 331

DOSTOIÉVSKI E O PARRICÍDIO (1928) 337

APÊNDICE: CARTA A THEODOR REIK 363

TEXTOS BREVES (1926-1929) 365

KARL ABRAHAM [1877-1925] 366

A ROMAIN ROLLAND NO 60º ANIVERSÁRIO 367

DISCURSO NA SOCIEDADE B'NAI B'RITH 368

APRESENTAÇÃO DE UM ARTIGO DE E. PICKWORTH FARROW 371

A ERNEST JONES NO 50º ANIVERSÁRIO 372

CARTA SOBRE ALGUNS SONHOS DE DESCARTES 373

ÍNDICE REMISSIVO 378

INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA (1926)

TÍTULO ORIGINAL: *HEMMUNG, SYMPTOM
UND ANGST*. PUBLICADO PRIMEIRAMENTE
COMO VOLUME AUTÔNOMO: VIENA:
INTERNATIONALER PSYCHOANALYTISCHER
VERLAG [EDITORA PSICANALÍTICA
INTERNACIONAL], 136 PP. TRADUZIDO DE
GESAMMELTE WERKE XIV, PP. 113-205.
TAMBÉM SE ACHA EM *STUDIENAUSGABE* VI,
PP. 227-308.

I

Ao descrever fenômenos patológicos, a linguagem corrente diferencia entre sintomas e inibições, mas não dá grande valor a essa distinção. Se não encontrássemos casos de doença que apresentam inibições, mas não sintomas, e se não quiséssemos saber a razão para isso, dificilmente nos preocuparíamos em delimitar os conceitos de inibição e sintoma.

Eles não se originam do mesmo solo. A inibição tem uma relação especial com a função e não significa necessariamente algo patológico, pode-se também chamar de inibição a restrição normal de uma função. Já o sintoma indica a existência de um processo patológico. Portanto, também uma inibição pode ser um sintoma. A linguagem corrente fala de inibição quando há uma simples diminuição da função, e de sintoma quando se verifica uma inusitada alteração dela ou uma nova manifestação. Muitas vezes parece ser algo arbitrário se enfatizamos o lado negativo ou o lado positivo do processo patológico, se caracterizamos seu resultado como sintoma ou como inibição. Mas isso é realmente desprovido de interesse, e nossa colocação inicial do problema não se revela bastante fecunda.

Como a inibição é tão ligada conceitualmente à função, pode-se ter a ideia de investigar as diversas funções do Eu para ver de que formas se manifesta seu distúrbio em cada uma das afecções neuróticas. Para esse estudo comparativo escolhemos a função sexual, a nutrição, a locomoção e o trabalho profissional.

a) A função sexual está sujeita a muitos transtornos, a maioria dos quais tem o caráter de inibições simples. Estas são classificadas como impotência psíquica. O desempenho sexual normal pressupõe um desenvolvimento bastante complicado, o transtorno pode se apresentar em qualquer ponto desse desenvolvimento. Eis os principais estágios da inibição no homem: o afastamento da libido no início do processo (desprazer psíquico), a ausência da preparação física (falta de ereção), a abreviação do ato (*ejaculatio praecox*), que também pode ser descrita como sintoma, a interrupção do mesmo antes do desfecho natural (ausência de ejaculação), a não ocorrência do efeito psíquico (da sensação de prazer do orgasmo). Outros distúrbios decorrem dos vínculos entre a função [sexual] e condições especiais de natureza perversa ou fetichista.

A existência de um laço entre inibição e angústia não pode nos escapar por muito tempo. Várias inibições são claramente renúncias à função, pois o exercício desta produziria angústia. É frequente, na mulher, o medo*

* No original, *Angst*, palavra que significa tanto “medo” como “angústia” — algo que o leitor deve ter presente ao longo de todo este trabalho, em que os dois termos serão usados alternadamente (cf. capítulo sobre *Angst* em Paulo César de Souza, *As palavras de Freud*, São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. revista, 2010). De modo semelhante, *Hemmung*, normalmente traduzido por “inibição”, também admite os sentidos de “impedimento, entrave, estorvo, freio”, e seu verbo cognato, *hemmen*, pode ser vertido por “obstruir, reter, refrear, dificultar, tolher” etc. Um bom exemplo, tomado de outra área, é *Hemmschuh*, que significa “sapata do freio” na engenharia mecânica (*Schuh* = “sapato”; corresponde ao

da função sexual; nós o incluímos na histeria, do mesmo modo que o sintoma defensivo do nojo, que originalmente surge como reação a posteriori ao ato sexual experimentado passivamente, e mais tarde se apresenta com a simples ideia do ato. Também grande número de atos obsessivos se revela como precauções e garantias contra a experiência sexual, sendo de natureza fóbica, portanto.

Nisso não progredimos muito na compreensão do tema; notamos apenas que procedimentos bastante diversos são utilizados para perturbar a função: 1) o mero afastamento da libido, que parece provocar mais facilmente aquilo que denominamos uma inibição pura; 2) a piora no cumprimento da função; 3) a dificuldade desta graças a condições especiais e sua modificação pelo desvio para outras metas; 4) sua prevenção através de medidas de segurança; 5) sua interrupção mediante o desenvolvimento da angústia, quando seu começo não pode mais ser impedido; e, por fim, 6) uma reação a posteriori, que protesta e busca desfazer o acontecido, se a função foi mesmo realizada.

b) O mais frequente distúrbio da função da nutrição é a falta de vontade de comer, devido à retirada da libido. O aumento da vontade de comer também não é raro; a compulsão de comer, que busca justificar-se pelo medo de passar fome, é pouco estudada. O sintoma do vômito nos é conhecido como defesa histérica contra a alimenta-

inglês *shoe*, tendo a mesma pronúncia). [As notas chamadas por asteriscos e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

ção. A recusa de comer, em consequência da angústia, é própria de estados psicóticos (delírio de envenenamento).

c) A locomoção é inibida pela falta de vontade de andar ou fraqueza para andar, em vários estados neuróticos; o impedimento histérico se serve da paralisia do aparelho motor ou gera uma suspensão específica dessa função dele (abasia). Especialmente características são as dificuldades impostas à locomoção, ao se introduzirem condições cuja inobservância produz angústia (fobia).

d) A inibição do trabalho, que frequentemente é objeto de tratamento como sintoma isolado, mostra-nos prazer diminuído, ou pior execução, ou manifestações reativas como fadiga (desmaio, vômitos), quando o indivíduo é forçado a prosseguir o trabalho. A histeria obriga a suspensão do trabalho ao gerar paralisias de órgãos e de funções, cuja existência é incompatível com a realização do trabalho. A neurose obsessiva perturba o trabalho ao afastar continuamente dele o indivíduo e fazê-lo desperdiçar tempo com atrasos e repetições.

Esse resumo poderia incluir outras funções, mas nada mais obteríamos com isso. Não iríamos além da superfície dos fenômenos. Então vamos nos decidir por uma concepção que não deixe muito de misterioso no conceito de inibição, dizendo que esta exprime uma *limitação funcional do Eu*, limitação que pode ter causas muito diversas. Conhecemos vários dos mecanismos desse abandono de função, assim como uma tendência geral que ele tem.

Nas inibições específicas é mais fácil notar essa tendência. A análise mostra que, se atividades como tocar piano, escrever ou mesmo andar são atingidas por inibições neuróticas, a razão para isso está numa erotização excessiva dos órgãos requeridos para essas funções, os dedos e os pés. De modo bastante geral, adquirimos o entendimento de que a função do órgão subordinada ao Eu fica prejudicada quando aumenta sua “erogenidade”,* sua significação sexual. Ele age, então — se nos for permitida a comparação um tanto burlesca —, como uma cozinheira que já não quer trabalhar junto ao fogão, pois o dono da casa começou a entreter relações amorosas com ela. Se o ato de escrever, que consiste em verter o líquido de um tubo num pedaço de papel branco, assume o significado simbólico do coito, ou se o ato de andar torna-se o substituto simbólico de pisotear o corpo da mãe Terra, deixa-se de escrever e de andar, pois seria como realizar o ato sexual proibido. O Eu renuncia a estas funções que lhe cabem, para não ter de efetuar nova repressão, *para evitar um conflito com o Id.*

Outras inibições se acham claramente a serviço da autopunição, como não raro sucede com as inibições da atividade profissional. O Eu não pode fazer certas coisas, pois elas lhe trariam vantagens e êxitos, o que o severo Super-eu lhe proíbe. Então o Eu renuncia também a essas realizações, *para não entrar em conflito com o Super-eu.*

* No original, *Erogenität*, substantivo correspondente ao adjetivo *erogen*, “erógeno”.

As inibições mais gerais do Eu obedecem a outro mecanismo, de natureza simples. Quando o Eu é solicitado por uma tarefa psíquica particularmente difícil, como, por exemplo, um luto, uma enorme supressão de afeto, ou a necessidade de refrear fantasias sexuais que emergem continuamente, ele se empobrece de tal forma, no tocante à energia disponível, que tem de reduzir seu dispêndio em muitos lugares simultaneamente, como um especulador que imobiliza seu dinheiro nos seus empreendimentos. Um exemplo instrutivo dessa forte inibição geral de curta duração eu pude observar num doente obsessivo que, em situações que claramente deveriam produzir uma explosão de raiva, sucumbia a uma fadiga paralisante que durava um ou vários dias. A partir daí deve ser possível encontrar uma via para compreender a inibição geral que caracteriza os estados de depressão, incluindo o mais grave deles, a melancolia.

Sobre as inibições podemos dizer, concluindo, que são limitações das funções do Eu, por precaução ou devido ao empobrecimento de energia. Agora é fácil perceber em que a inibição e o sintoma se distinguem um do outro. O sintoma já não pode ser descrito como um processo que ocorre dentro do Eu ou que age sobre ele.

II

As principais características da formação de sintomas foram estudadas há muito tempo e — assim esperamos — enunciadas de forma inatacável. O sintoma é indício

e substituto de uma satisfação instintual que não aconteceu, é consequência do processo de repressão. Esta procede do Eu, que — por solicitação do Super-eu, eventualmente — não deseja colaborar num investimento instintual despertado no Id. Através da repressão, o Eu obtém que a ideia portadora do impulso desagradável seja mantida fora da consciência. A análise demonstra, com frequência, que a ideia foi conservada como formação inconsciente. Até esse ponto tudo estaria claro, mas logo têm início as dificuldades não solucionadas.

As descrições que até agora fizemos do que sucede na repressão destacaram expressamente a exclusão da consciência, mas deixaram dúvidas em outros pontos. Surgiu a questão de qual seria o destino do impulso instintual ativado no Id que busca a satisfação. A resposta, indireta, foi que mediante o processo da repressão o prazer que se espera da satisfação é transformado em desprazer, e então nos vimos diante do problema de como o desprazer poderia resultar de uma satisfação instintual. Esperamos esclarecer a questão afirmando especificamente que, devido à repressão, o pretendido desenvolvimento excitatório no interior do Id não se realiza, o Eu consegue inibi-lo ou desviá-lo. Então desaparece o enigma da “transformação do afeto” na repressão. Mas assim fazemos ao Eu a concessão de que pode exercer tamanha influência sobre os processos do Id, e devemos averiguar como esta surpreendente demonstração de poder se torna possível.

Penso que o Eu adquire essa influência devido a suas íntimas relações com o sistema perceptivo, que, afinal, constituem sua essência e proporcionam a base para sua

diferenciação do Id. A função desse sistema, que denominamos *Pcp-Cs*, é ligada ao fenômeno da consciência; ele recebe excitações não apenas de fora, mas também do interior, e, mediante as sensações de prazer-desprazer que dessas direções o atingem, procura guiar todos os desenvolvimentos psíquicos de acordo com o princípio do prazer. Nós tendemos a imaginar o Eu como impotente contra o Id, mas, quando ele se opõe a um processo instintual no Id, precisa apenas dar um *signal de desprazer* para realizar sua intenção, com a ajuda da quase todo-poderosa instância do princípio do prazer. Se, por um momento, consideramos esta situação de forma isolada, podemos ilustrá-la com um exemplo de outra esfera. Tomemos um Estado em que determinada facção luta contra uma medida que, aprovada, corresponderia às inclinações da massa. Tal facção apodera-se então da imprensa, com esta influencia a soberana “opinião pública” e impede que ocorra a aprovação planejada.

Tal resposta leva a outras questões. De onde vem a energia que é utilizada na produção do sinal de desprazer? O caminho nos é indicado pela ideia de que a defesa contra um processo interior indesejado poderia ocorrer seguindo o modelo da defesa contra um estímulo exterior, de que o Eu toma a mesma linha de defesa tanto contra o perigo interno como contra o externo. No caso do perigo externo, o organismo empreende uma tentativa de fuga, inicialmente retira o investimento da percepção do que é perigoso; depois enxerga um meio mais eficaz: realizar ações musculares tais que a percepção do perigo se torne impossível mesmo que não haja

a recusa de percebê-lo, ou seja, subtrair-se ao campo de ação do perigo. A repressão equivale a essa tentativa de fuga. O Eu retira o investimento (pré-consciente) do representante de instinto* a ser reprimido e o aplica na liberação de desprazer (angústia). O problema de como surge a angústia na repressão pode não ser simples; mas temos o direito de nos apegar à ideia de que o Eu é a genuína sede da angústia, e de rejeitar a concepção anterior de que a energia de investimento do impulso reprimido é transformada automaticamente em angústia. Se antes me expressei desse modo, forneci uma descrição fenomenológica, não uma exposição metapsicológica.

Disso procede esta nova pergunta: como é possível, do ponto de vista econômico, que um simples processo de retirada e descarga como a retração do investimento pré-consciente do Eu produza desprazer ou angústia, que por nossas premissas podem apenas resultar de um

* No original, *Triebrepräsenz* — nas versões estrangeiras consultadas: *representación instintiva*, *representante de pulsión*, *rappresentanza pulsionale*, *représentance pulsionelle*, *psychical representative of the impulse*, *instinctual representative*, *drive-representamen* (com nota), *driftrepresentant*. Além daquelas normalmente utilizadas — duas em espanhol, da Biblioteca Nueva e da Amorrortu, a italiana da Boringhieri e a inglesa da *Standard edition* — pudemos dispor da versão francesa orientada por J. Laplanche (PUF), da primeira tradução inglesa, de Joan Riviere (em *Great Books of the Western World*, v. 54), da mais recente inglesa, de John Reddick (Penguin), e da holandesa da editora Boom; como sempre, elas são citadas por ordem decrescente de proximidade ao português e, havendo mais de uma num idioma, por ordem cronológica. Cf. notas relativas a *Triebrepräsenz* e alguns outros termos compostos da “metapsicologia” freudiana no v. 12 destas *Obras completas*, pp. 59, 78, 86, 100, 115, 125.

investimento intensificado? Respondo que essa sequência causal não deve ser explicada economicamente, a angústia não é gerada novamente na repressão, e sim reproduzida como um estado afetivo, segundo uma imagem mnêmica já existente. Mas, se indagamos também pela origem dessa angústia — como dos afetos em geral —, abandonamos o terreno incontestado da psicologia e adentramos a área fronteira da fisiologia. Os estados afetivos incorporaram-se à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas, e são despertados como símbolos mnêmicos* quando situações análogas ocorrem. Quero dizer que não errei ao compará-los aos ataques histéricos, adquiridos depois e de forma individual, e considerá-los modelos normais desses ataques. No ser humano e nas criaturas a ele aparentadas, o ato do nascimento, sendo a primeira vivência individual da angústia, parece ter dado traços característicos à expressão da angústia. Mas, embora reconhecendo esse nexos, não devemos superestimá-lo, nem esquecer que um símbolo afetivo é uma necessidade biológica na situação de perigo e de toda forma teria sido criado. Além disso, não me parece justificado supor que em cada irrupção de angústia sucede, na psique, algo que equivale a uma reprodução da situação do nascimento. Nem mesmo é certo que os ataques histéricos, que originalmente são dessas reproduções traumáticas, mantenham duradouramente esse caráter.

* O conceito de “símbolo mnêmico” (*Erinnerungssymbol*, em que *Erinnerung* = “recordação”) é explicado nas últimas páginas da primeira das *Cinco lições de psicanálise* (1910).

Como expliquei em outro lugar,* as repressões com que deparamos no trabalho terapêutico são, na maioria, casos de *pós*-repressão. Elas pressupõem *repressões primordiais* sucedidas anteriormente, que exercem influência sobre a nova situação. Sabe-se ainda muito pouco sobre esse pano de fundo e esses estágios anteriores da repressão. Corre-se o risco de superestimar o papel do Super-eu na repressão. Por ora não é possível dizer se a emergência do Super-eu marca o limite entre repressão primordial e pós-repressão. As primeiras irrupções de angústia — bastante intensas — ocorrem, de toda maneira, antes da diferenciação do Super-eu. É perfeitamente plausível que fatores quantitativos, como a intensidade muito grande da excitação e a ruptura da proteção contra estímulos, sejam as causas imediatas das repressões primordiais.

A referência à proteção contra estímulos nos recorda, à maneira de uma senha, que as repressões aparecem em duas situações diferentes — a saber, quando um impulso instintual desagradável é despertado por uma percepção externa, e quando emerge no interior sem que haja essa provocação. Mais adiante retornaremos a essa diferença. Mas a proteção contra estímulos existe apenas para estímulos externos, não para exigências instintuais internas.

Enquanto estudamos a tentativa de fuga do Eu permanecemos afastados da formação de sintomas. O sintoma se origina do impulso instintual prejudicado pela repressão. Quando o Eu, pela utilização do sinal de des-

* No ensaio “A repressão”, de 1915.

prazer, alcança seu propósito de suprimir completamente o impulso instintual, nada aprendemos sobre como isso ocorre. Descobrimos algo apenas a partir dos casos que devem ser designados como repressões mais ou menos malogradas.

Pode-se dizer então, de maneira geral, que o impulso instintual, apesar da repressão, encontrou um substituto, mas um bastante atrofiado, deslocado, inibido, e que já não é reconhecível como uma satisfação. Quando [esse impulso substituto] é concretizado não há sensação de prazer; em vez disso, tal concretização assume o caráter de coerção. Ao assim rebaixar a satisfação a um sintoma, a repressão mostra seu poder ainda em outro ponto. O processo substitutivo tem a descarga dificultada possivelmente pela motilidade; mesmo quando isso não sucede, ele tem de se esgotar na alteração do próprio corpo e não pode se estender ao mundo exterior; é-lhe interdito se converter em ação. Como sabemos, na repressão o Eu trabalha sob a influência da realidade externa e, por isso, exclui que o processo substitutivo ocorra com sucesso nesta realidade.

O Eu domina tanto o acesso à consciência como a passagem à ação no mundo exterior. Na repressão ele exerce seu poder nas duas direções: o representante do instinto vem a experimentar um lado de sua manifestação de poder, e o impulso instintual, o outro lado. É o caso de nos perguntarmos, então, como o reconhecimento do poder do Eu se harmoniza com a descrição da posição desse *Eu* que esboçamos em *O Eu e o Id* [1923]. Nele traçamos um quadro da dependência do Eu para

com o Id e o Super-eu, revelamos sua impotência e suscetibilidade à angústia perante os dois, sua arrogância penosamente mantida. Esse juízo encontrou forte eco na literatura psicanalítica. Inúmeras vezes insistiram na fraqueza do Eu em relação ao Id, do elemento racional em relação ao demoníaco em nós, e puseram-se a transformar essa afirmação num dos pilares de uma “visão de mundo” psicanalítica. Mas a compreensão do modo de agir da repressão não deveria impedir que justamente um analista adotasse partido tão extremo?

Não sou a favor da fabricação de visões do mundo. Isso deve ser deixado para os filósofos, que confessadamente acham inexequível a jornada da existência sem um guia de viagem como esse, que informa sobre tudo. Aceitemos humildemente o desprezo com que eles nos olham, do alto de sua sublime carência. Mas, como também não podemos negar nosso orgulho narcísico, acharemos consolo na reflexão de que todos esses “guias de existência” envelhecem rapidamente, de que é justamente nosso trabalho miúdo, estreito e míope que torna necessárias novas edições deles, e de que inclusive os mais modernos desses guias são tentativas de achar substituto para o velho catecismo, tão cômodo e tão completo. Sabemos que até agora a ciência pôde lançar muito pouca luz sobre os enigmas deste mundo; o barulho dos filósofos nada mudará isso, apenas a paciente continuação do trabalho que tudo subordina à exigência de certeza pode gradualmente produzir mudança. Ao cantar na escuridão, o andarilho nega seu medo, mas nem por isso enxerga mais claro.